

Venda de canábis medicinal duplica e há novos produtos na calha

Um terço das dispensas em farmácias foi registado em Lisboa. Entrada de três novos produtos no mercado, que devem estar em breve à venda, dá esperança a mais doentes

Sara Sofia Gonçalves
sociedade@jn.pt

SAÚDE A venda de canábis medicinal em Portugal aumentou 137% desde a colocação da primeira preparação no mercado, em 2021. No ano de aprovação, o "Tilray Flor Seca" – até este mês, o único produto autorizado à base de canábis – vendeu 378 embalagens. Dois anos depois, em 2023, registou a dispensa de 895 caixas. Com a aprovação de três novas preparações pelo Infarmed, em breve disponíveis nas farmácias, a expectativa é que as vendas continuem a aumentar.

Os dados disponibilizados ao JN pela Associação Nacional de Farmácias (ANF) indicam que, no ano passado, um terço das dispensas farmacêuticas da flor seca aconteceu no distrito de Lisboa. Segue-se o Porto, com 14,9% do consumo, e Faro, com 11,3%. As regiões interiores, como Bragança, Portalegre e Vila Real, são as que registam valores mais baixos, com apenas duas a quatro caixas dispensadas durante todo o ano.

UM QUARTO POR VENDER
O último relatório disponibilizado pelo Infarmed dá conta da prescrição de 929 embalagens da preparação da Tilray, marca canadiana, em 2022. Nesse mesmo período, os dados da ANF indicam que foram vendidas 708 unidades. Ou seja, 24% das prescrições ficaram por levantar. O fenómeno pode, em parte, relacionar-se com as queixas de doentes que não conseguem um local onde comprar o produto, dificuldade também sentida por Natália Pereira (ver ao lado).

Não tendo a mesma composição, formulação ou se-

quer objetivo, há um outro medicamento em Portugal também à base de canábis. A dispensa de Sativex, segundo a ANF, mantém-se estável. Entre 2021 e 2023, foram utilizadas pouco mais de 300 embalagens por ano. Este produto teve luz verde, através de autorização de introdução no mercado (AIM), ainda em 2012 – devido à sua composição, é considerado um medicamento e não uma preparação. Ao contrário dos restantes, está disponível apenas em meio hospitalar, mediante autorização especial.

HÁ 19 A FABRICAR CÁ

Em apenas um ano, também o número de empresas com autorização do Infarmed para trabalhar na área da canábis medicinal aumentou. Na fase do cultivo, passamos de 21 entidades no primeiro semestre de 2023 para 29. Já com certificação para importação ou exportação, segundo a informação disponível no site do Infarmed, Portugal passou de 27 para 37 empresas e, no caso do fabrico dos produtos, cresceu de 13 entidades para 19.

No início de março, foram aprovadas três novas ACM de preparações à base de canábis para fins medicinais, que chegarão a mais doentes por oferecerem diferentes composições, concentrações e formas de administrar. Os novos rótulos aguardam indicação do preço para serem vendidos.

“A nova fase da canábis medicinal em Portugal”, como apelida Carla Dias, presidente do OPCM, será o tema central da 3.ª Conferência Nacional de Canábis Medicinal, que acontece este sábado, em Coimbra, para esclarecer os profissionais de saúde. ●



Natália Pereira, de 50 anos, utiliza vaporizador para fazer o tratamento

TESTEMUNHO

A esperança de Natália viver sem dor

Professora de Ponte de Lima utiliza “Tilray Flor Seca” há um ano. Três meses de tratamento custam 160 euros

Há mais de dez anos que Natália Pereira tomava o tramadol 200, um analgésico opioide que alivia a dor intensa. “É forte, mas o único que permite ter uma vida (quase) normal”. O receio de uma lista extensa de contraindicações era diário. A esperança de viver sem medo (e sem dor) chegou há um ano, quando um médico propôs o tratamento com canábis medicinal. Desde então, reduziu o tramadol para a dose mínima.

Anos de consultas com diferentes médicos e especialidades deram à professora primária a resposta para o problema de uma vida inteira: tem fibromialgia, doença de Charcot-Marie-Tooth e depressão major. Toma oito medicamentos por dia, além da vaporização da canábis, e “com a ingestão frequente de tantos químicos é inevitável existirem comorbilidades”, partilha. Mas, dentro de alguns meses, espera conseguir deixar o tramadol. E, no

futuro, talvez alguns dos outros medicamentos. Começar o tratamento não foi fácil (ou rápido). Foram cerca de quatro meses para conseguir uma farmácia que “arranjasse” o “Tilray Flor Seca”. Apenas o conseguiu no distrito do Porto. Para conseguir comprar em Ponte de Lima, foi necessária a intervenção do Observatório de Canábis Medicinal (OPCM).

Há ainda a descrença de outros médicos que a acompanham, como o psiquiatra ou o psicólogo, que “dizem sempre que a canábis não tem qualquer benefício”. Ainda que o seu próprio caso o contradiga. “Antes de acabar com o estigma entre a população, é preciso formar os próprios profissionais de saúde sobre o assunto.” Natália diz-se privilegiada. “Não uso todos os dias e gasto 160 euros a cada três meses. São poucas as pessoas que podem pagar este valor pela própria saúde”. ●

SABER MAIS

Primeiro produto

A Tilray, empresa canadiana, instalou-se em Portugal em 2019, construiu uma fábrica em Cantanhede e, em 2021, conseguiu a primeira autorização de colocação no mercado (ACM), uma via verde criada pelo Infarmed para a canábis medicinal, em que, ao contrário da tradicional autorização de introdução no mercado (AIM), não são exigidos ensaios clínicos prévios.

Lei é de 2019

A regulamentação que permite preparações e substâncias à base de canábis para fins medicinais é de 2019. Pode ser prescrita quando a medicação tradicional não funciona ou em sete diagnósticos médicos específicos previstos pela lei.

ENTREVISTA

Formação a médicos é passo essencial

Pedro Barata
Médico e investigador



Em que fase está Portugal em matéria de canábis medicinal?

A legislação e o primeiro processo foram o arranque, que foi lento devido à pandemia. Agora estamos na fase de ganhar tração. Em breve teremos quatro opções na farmácia e um verdadeiro mercado de canábis medicinal. E consta que, no futuro próximo, teremos ainda mais.

Que avanços devem acontecer de seguida?

A investigação deve agora, por um lado, monitorizar os doentes que usam estes produtos, e, por outro, explorar o uso off-label dentro do quadro regulamentar. Em breve teremos novas formulações, diferentes concentrações ou até o uso de novos canabinoides.

Quem deve estar agora mais comprometido com os próximos passos?

A indústria já está a fazer a sua parte. O Infarmed, ou seja, o poder político, também. A “bola”, neste momento, está do lado dos profissionais de saúde que têm doentes que podem beneficiar destes produtos.

Parte da comunidade médica ainda é cética quanto ao efeito da canábis medicinal?

Cada vez menos. Os colegas levantam questões a qualquer novo medicamento porque procuram o melhor para o doente. A isso responde-se com evidência e segurança. Para isso, deve ser criada uma sociedade médica de canábis medicinal. ●

Hospitais gastam 5,4 milhões por dia com medicamentos

Despesa duplicou numa década e atingiu recorde de quase dois mil milhões de euros. Fármacos para o cancro respondem por um terço da fatura

Inês Schreck
ines@jn.pt

SAÚDE No ano passado, a fatura dos hospitais do SNS com medicamentos ascendeu a 1959 milhões de euros, o que dá cerca de 5,4 milhões de euros por dia. A despesa cresceu 197,5 milhões face ao ano anterior, à boleia dos medicamentos inovadores, sobretudo na oncologia. Nas farmácias, os utentes também compraram e pagaram mais.

Tem sido assim ano após ano. Numa década, os encargos dos hospitais com medicamentos passaram dos 975 milhões para os quase dois mil milhões de euros. E a vontade de pôr um travão na despesa, manifestada pelo ministro da Saúde em 2022, não resultou.

No relatório de dezembro de monitorização da despesa hospitalar, publicado pelo Infarmed, que permite avaliar o ano de 2023, registou-se um aumento de 11,2% face a 2022, ano em que a despesa já crescera 12,1% (190,5 milhões de euros) face a 2021.

Só os fármacos usados em oncologia respondem por quase um terço do total da despesa com medicamentos. A fatura com os oncológicos somou 625,2 milhões de euros, mais 88 milhões (16,4%) do que no ano anterior, sendo a área terapêutica mais dispendiosa.

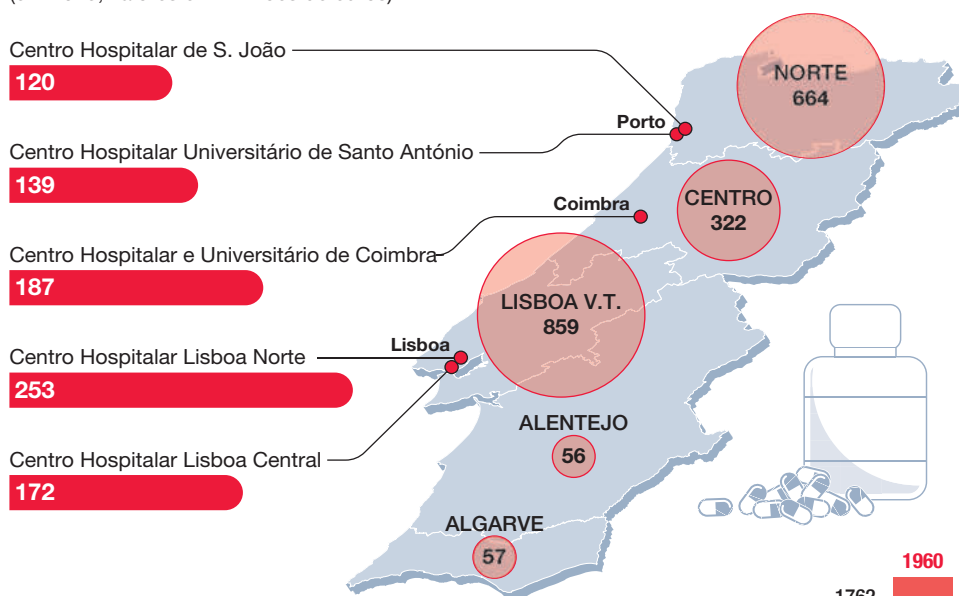
O VIH também assume uma fatia significativa da fatura (216 milhões de euros), tendo crescido 12,6%. Os fármacos para o conjunto de doenças artrite reumatoide, psoríase e doença inflamatória intestinal custaram 188 milhões, mais 21 milhões do que em 2022.

Olhando às regiões de saúde, todas aumentaram a despesa, mas Lisboa e Vale do Tejo teve a maior subida (mais 89 milhões de euros).

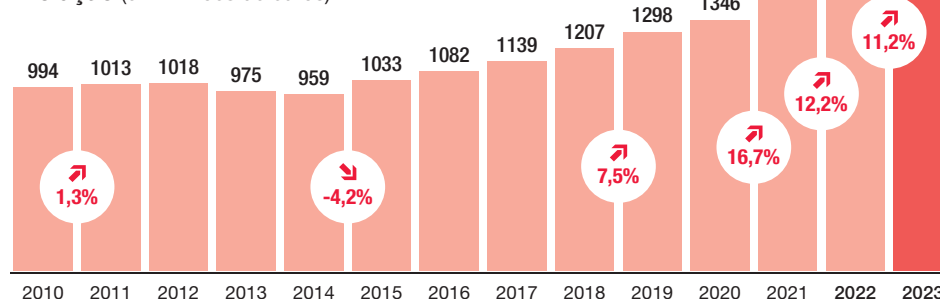
A nível nacional, o Centro Hospitalar Universitário

Gastos com medicamentos nos hospitais do SNS

Por principais centros hospitalares e por regiões de saúde (em 2023, valores em milhões de euros)



Evolução (em milhões de euros)



FONTE: INFARMED INFOGRAFIA JN

A SABER

Mais 14 cêntimos

O encargo médio do utente por embalagem aumentou cerca de 14 cêntimos, para os 4,67 euros, refere o último relatório de monitorização da despesa com medicamentos em meio ambulatório.

184 milhões de embalagens

Em 2023, foram dispensadas 184 milhões de embalagens nas farmácias, mais 3,9 milhões do que no ano anterior.

Quota de genéricos

A quota de genéricos foi de 51,1%, um aumento face aos 49,3% de 2022.

Lisboa Norte (atualmente a ULS de Santa Maria) é o “campeão” da despesa (252 milhões de euros), gastando mais do dobro do Centro Hospitalar Universitário S. João (ULS de São João) que despendeu 120 milhões de euros. O segundo hospital com maior despesa em medicamentos é o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (atualmente ULS de Coimbra) que gastou 186,7 milhões de euros em 2023 (ver infografia).

DESPESA DOS UTENTES SOBRE Também a despesa com medicamentos vendidos nas farmácias cresceu em 2023, tanto para o SNS como para os utentes. O Estado gastou mais 26,5 milhões de euros com as participações de

medicamentos num total de 1594 milhões de euros e os utentes gastaram mais 43 milhões num total de 860 milhões de euros.

Apesar da subida, o ritmo de crescimento da despesa do SNS nas farmácias abrandou. Em 2022, os encargos do Estado tinham subido 9,6% e em 2023 o aumento foi de 1,7%. Do lado das famílias, a subida de encargos explica-se, em parte, com o aumento do consumo e também dos preços.

Entre as classes terapêuticas com maiores encargos, destacam-se os antidiabéticos e os anticoagulantes. Mas foram os antilipídicos (usados no controlo do colesterol) que mais aumentaram o peso no mercado face a 2022. ●

Há um novo observatório contra a violência nas escolas

Grupo de trabalho vai integrar professores, pais e psicólogos

PREVENÇÃO Para diminuir os casos de indisciplina e erradicar a violência nas escolas, foi apresentado, ontem, o Observatório da Convivência Escolar, composto por diretores, professores, pais e psicólogos. Um dos objetivos é criar uma plataforma de recolha de denúncias. Instrumento vai ser apresentado ao novo ministro da Educação.

Vai ser criado um grupo de trabalho composto por dois elementos de cada instituição representada no projeto. Num primeira fase, será delineado o plano de atividades para o próximo ano letivo, altura onde deverá ser criada uma plataforma para denunciar os incidentes que acontecem dentro das escolas.

“Vamos conseguir apurar dados concretos. Não é escondendo os problemas debaixo do tapete que os vamos resolver. Vamos prevenir situações de indisciplina e violência”, nota o secretário-geral da FNE, Pedro Barreiros. Já Filinto Lima, presidente da Associação Nacional dos Diretores de Escolas Públicas, realça que este instrumento vai proporcionar “ações” concretas para que os números de violência “possam diminuir”. ● A.T.R.



Filinto Lima integra grupo